

**Bruno Ayllón e Tahina Ojeda (coords.)**

**La cooperación Sur-Sur y triangular en América Latina. Políticas afirmativas y prácticas transformadoras. Madrid, 2013. Editora Catarata / Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación – Universidad Complutense de Madrid (IUDC-UCM), 2013, 246p.**

**Michele Dolcetti<sup>48</sup>**

Três anos após a publicação de “La Cooperación Sur-Sur en Latinoamérica. Utopía y realidad”, a equipe de pesquisa do IUDC-UCM editou “La Cooperación Sur-Sur en América Latina. Políticas afirmativas y prácticas transformadoras”, texto imprescindível para o estudo da Cooperação Sul-Sul (CSS) no espaço ibero-americano. Em 2010, a análise da CSS era incipiente e suas definições pouco consolidadas; falava-se de “estado embrionário da CSS” e de “doadores emergentes”: definições que expressavam plenamente a ideia de um processo pouco conhecido, pelo qual os que emergiam assomavam a cabeça no mundo da Ajuda Oficial para o Desenvolvimento (AOD) e dos doadores “tradicionais”; de regras e instituições definidas, pedindo o reconhecimento da sua experiência histórica e do seu projeto renovador. A equipe de pesquisadores coordenada por Ayllón e Surasky ofereceu uma discussão crítica sobre a existência e relevância daquele projeto; aportou valiosas reflexões conceituais para circunscrever a dinâmica da CSS e abordar a experiência da Argentina, do Brasil, da Colômbia, do México e da Venezuela.

Em 2013, confirmando que a CSS “chegou para ficar”, a equipe renovada, com a coordenação de Ayllón e Ojeda, faz uma experiência de ampliação (agregando os casos do Chile, de Cuba, do Equador, do Uruguai e da Espanha) e aprofundamento (consolidando o entendimento teórico da CSS e triangular), acompanhando e canalizando a evolução do objeto de estudo, da “utopia” às “práticas transformadoras”.

Para isso, os dez autores se comprometeram a focar seus estudos de casos em diversas questões transversais relevantes, para que tenhamos uma visão ampla da diversidade que este levantamento implica sobre questões tão relevantes tais como: as definições políticas da CSS e triangular, sua vinculação com a política externa, sua institucionalização e

estandardização, a existência de prioridades setoriais e regionais, a participação da sociedade civil, a triangulação com participação espanhola, etc.

É inevitável perceber o grau de diversidades que caracteriza as experiências analisadas; algo que, na perspectiva de quem aposta para a CSS como motor de mudança da sociedade internacional, é valorizado como riqueza e potencial inovador. Potencial que, como afirma Sotillo no prólogo da obra, dependerá da vontade política e dos diversos entendimentos e objetivos de inserção internacional, sendo que a CSS pode incorporar-se ao sistema tradicional da ajuda, “o convertirse en un arma política al servicio de lasolidaridad entre países que buscan otro modelo de desarrollo”.

O livro contribui para a ilustração desses debates, evidenciando como estes países estão aportando entendimentos alternativos (ainda que não sempre críticos) e abrindo debates internacionais e domésticos sobre outros modelos de desenvolvimento. A possibilidade de que estes discursos conformem práticas coerentes e se assentem em sistemas alternativos agora é objeto de questionamentos.

Variações substanciais existem nos entendimentos da CSS elaborados pelos diversos países. Contudo, em todos os casos a CSS é interpretada como dinâmica mais horizontal com potencial de mudança política. Também se identificam variações na participação na CSS de instituições, Organizações da Sociedade Civil (OSC) e setor privado, embora a tendência geral seja de monopólio pelos núcleos executivos e diplomáticos na formulação de uma CSS que contribua aos objetivos de inserção internacional. Em relação às preferências setoriais e regionais da CSS, confirmam-se: a persistência de um núcleo central de cooperação técnica, convivendo com valiosas experiências em outros setores, e a consolidação de um padrão regional, conforme afinidades materiais e culturais. Finalmente,

<sup>48</sup> Universidad Complutense de Madrid

registram-se grandes variações no compromisso com a agenda da eficácia do desenvolvimento inaugurada pela Declaração de Paris de 2005. Nem todos os países promotores da CSS elaboram um discurso manifestamente desafiante, mas todos veiculam discussões inovadoras.

Delimitadas as tendências atuais, os autores identificam perspectivas para o futuro da CSS latino-americana. Em primeiro lugar, constatam-se esforços para uma maior previsibilidade da CSS, através da criação ou do fortalecimento de instituições dedicadas e da medição, e avaliação, para produzir informações mais exaustivas. Os atores sociais e as redes epistêmicas que trabalham sobre CSS estão propiciando ativamente que se reduzam as políticas *ad hoc* em favor de uma maior estruturação dos projetos implementados. Outro elemento interessante para estudos futuros é a relação entre a CSS e a integração regional. Entendendo a CSS como intercâmbio de conhecimento e de experiências de desenvolvimento, a esperança é que seja funcional para a geração de cadeias de valor e de solidariedades regionais. Essas questões se relacionam com debates mais amplos sobre os diversos modelos de desenvolvimento que convivem na América Latina, na possível superação de projetos de regionalismo aberto, em favor de agendas post-liberais de integração; além da persistência de contradições entre objetivos de emancipação regional e de inserção internacional das potências emergentes. Uma ulterior ampliação quantitativa dos casos analisados e o enfoque nas práticas da CSS multilateral e regional oferecerão melhores entendimentos.

Em relação à Cooperação Triangular (CTR), a análise de Freres e Castillo representa a perspectiva de um Norte cuja cooperação vive redimensionamentos substanciais, olhando para o Sul como desafio e oportunidade. A CTR é interpretada como valioso

apoio a uma CSS ainda incipiente, mas também como possível instrumento de cooptação dos países do Sul a agendas hegemônicas de desenvolvimento elaboradas em instâncias pouco representativas da governança global. A obra identifica a percepção dos diversos países com relação à CTR e à agenda da eficácia do desenvolvimento, evidenciando matizes de um processo de relocalização de hierarquias mentais.

Outras questões relevantes na pesquisa sobre CSS encontraram espaço neste livro e serão discutidas com mais atenção no futuro: começando pela transparência, avaliação e o seguimento da CSS, até chegar às perspectivas da participação das OSC como executoras, fiscalizadoras e formuladoras. Será preciso abordar o novo papel de sociedades civis que tiveram um (discutido) papel nos processos de transição à democracia representativa da América Latina, e que agora devem ser renovadas no contexto da “crise da ajuda” e de reformulação dos espaços políticos de inter-relação entre o Estado, o mercado e a sociedade.

Em todos estes debates, se tratará de aprofundar uma agenda de pesquisa que implica descolonizarmos nossos padrões de pensamento. O estudo da CSS é uma oportunidade única para darmos um salto qualitativo no debate mais amplo de redefinição dos conceitos de cooperação e desenvolvimento; participação, soberania e interesse nacional. Este livro e seu entendimento da CSS aportam uma valiosa contribuição a uma tarefa imprescindível: problematizar as estruturas cognitivas e do poder implícitas em nossos entendimentos.

**Palavras-chaves:** Cooperação Sul-Sul; Cooperação Triangular; América Latina.